

MARIA LÚCIA NAMORADO

HISTÓRIA VERÍDICA DE UMA EXPOSIÇÃO DE "ARRAIOLOS" ÚNICA *

*Maria Antónia Fiadeiro***

Maria Lúcia Namorado, escritora, jornalista, pedagoga, fundadora da Revista *Os Nossos Filhos* (1942-1958), a primeira publicação portuguesa no gênero, que dirigiu com mérito e persistência, era também colaboradora assídua da Revista *Modas e Bordados*, dirigida por Maria Lamas de quem era prima direita, e ambas conterrâneas de Torres Novas.

Foi, curiosamente, uma anónima pioneira da reabilitação dos tapetes de Arraiolos, tendo realizado uma única Exposição, em 1956, na Galeria Pórtico, em Lisboa, iniciativa que, pelo significado que assumiu na sua vida e pelo que em si revela de uma personalidade, aqui se evoca. Esta entrevista que Maria Lúcia Namorado ainda ouviu ler permaneceu inédita por razões estranhas à vontade da entrevistada e da entrevistadora.

Não incluiu, no seu curriculum actualizado e fundamentalmente destinado a um Dicionário sobre a Literatura Infantil, a realização de uma Exposição de Tapetes de Arraiolos, em que apresentava a reconstituição de vários modelos antigos, nomeadamente dois tapetes persas, e também algumas tentativas de renovação, inéditas, mas a história dessa exposição merece ser contada e conhecida.

O seu encantamento pelos tapetes de Arraiolos e a posterior realização da Exposição, foi mais do que um exercício de vontade, mais do que um grande desafio que se impôs a si própria, mais do que uma paixão. Foi uma grande crença na possibilidade de recuperação de uma arte maltratada, minorizada, uma arte decorativa, de raízes persas, mas profun-

* Material recolhido no âmbito da investigação para a realização da Dissertação de Mestrado, *Maria Lamas (1893-1983). Tentativa e Tentação Biográfica*, defendida em Outubro de 1999, na Universidade Aberta.

** Investigadora do CEMRI, Universidade Aberta.

damente incrustada no Alentejo. O desejo dessa recuperação e dessa reabilitação foi uma autêntica devoção, a que se dedicou com afinco durante alguns anos e que nasceu em Penacova, terra para onde foi viver depois de casada.

O Bordado de Arraiolos, arte de mulheres, estava em decadência desde o final do primeiro terço do século XIX, época em que se pode considerar o total desaparecimento da indústria. "Meio século depois, em 1895, o pintor e crítico de Arte José Queiroz, empreendeu a missão de fazer renascer a bela tapeçaria alentejana. E desde então, estudiosos, colecionadores, e pessoas de bom gosto têm dedicado a sua atenção aos tapetes de Arraiolos, colocado-os no lugar destacado que lhes compete, entre as artes decorativas portuguesas.", escreveu Maria Lúcia no catálogo da exposição.

Através do seu labor, restituiu a essa arte, pacientemente, rigorosamente, a dignidade que cabe num verso do poeta brasileiro Drumond de Andrade, "tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo".

Entre a paixão pelos degradados tapetes persas que encontrou no Mosteiro de Lorvão, aonde se deslocou com a família num passeio e a Exposição na Galeria Pórtico decorreram cerca de 25 anos. Tinha 28 anos de idade, estava casada e já tinha um filho.

Durante esses anos foi fazendo inúmeras coisas. Escreveu, publicou, colaborou em Revistas, assiduamente na *Modas e Bordados*, assinando sobretudo páginas de conselhos úteis, para o lar, para os filhos e para as mães; fundou *Os Nossos Filhos*; teve mais dois filhos. Entretanto, mudou-se primeiro para a Golegã, depois para Lisboa, para o Bairro de Campo de Ourique " por ser próximo do único Jardim-Infantil de João de Deus que existia em Lisboa e onde queria iniciar a educação dos meus filhos". Teve o apoio e contou com o sacrifício de seu marido, oficial da Justiça, chefe de secção judiciária, colocado, então, no Seixal, que todos os dias tinha de fazer um longo trajecto de ida e volta. "Era o único Jardim-Infantil João de Deus em Lisboa.", comenta docemente, convictamente, justificando a inabalável escolha pedagógica que envolvia a educação dos seus filhos.

Em Penacova, vila perto de Coimbra, imortalizada na pintura de Eugénio Moreira, "O Vale de Penacova", que mereceu elogioso artigo de Abel Salazar, que também pintou o célebre quadro a "Ferreirinha", uma mulher da vila, e da vida, "muito bonita, com muitos filhos, um de cada pai, sendo o ultimo do pintor". A vila era também lugar de pobreza e de tuberculose que atingia, na época, a maior parte da população. Para ganharem mais uns tostões, muitas mulheres (e muitas crianças) dedicavam-se ao fabrico dos famosos e "higiénicos" (!) palitos. Ali viveu Maria Lúcia os seus primeiros anos de casada.

Uma visita ao mosteiro de Lorvão

Num dia do ano de 1935, em que passearam até Lorvão, terra onde vivia sua sogra, Maria Lúcia visitando o Mosteiro, reparou primeiro num tapete persa, pequeno, na Igreja, na única ala que tinha condições para estar aberta ao público. O tapete, no chão, a uso, "estava cheio de cera e de buracos, faltava um bocado aqui, outro ali". Não tirou os olhos do tapete. "Encantaram-me os tapetes, era uma maravilha", recordará e dirá repetidamente como explicação única e suficiente, para todo o processo que se irá desenrolar.

"Quando visitei a igreja do antiquíssimo mosteiro que foi dos mais ricos da Península, os meus olhos caíram sobre um farrapo, um autêntico farrapo carcomido, desbotado, que mãos profanas já haviam remendado barbaramente, que velas de altares já haviam queimado e enchido de cera, e que milheiros de pessoas já haviam gasto, aqui e além, até ao último fio." Foi assim que o recordou, um ano depois, na Revista *Modas e Bordados* de 4 de Março de 1956.

Passou-lhe pela mente jovem, ela que tivera "o sonho que não realizou de licenciar-se em Matemática", sonho que, esse sim, incluiu no currículo, um intenso desejo que era ao mesmo tempo um desafio e uma grande incógnita. "E se eu fosse capaz de restaurar este tapete?"

Afoita, dirigiu-se ao Sr. Prior expôs-lhe o problema e pediu-lhe o tapete por oito dias. Foi compreendida e atendida. Já em casa de sua sogra, onde passavam umas pequenas férias, estendeu o tapete no chão e "durante oito dias não me vesti. Arranjava-me e punha o roupão. Ficava horas de cócoras a olhar para o tapete".

Nessa época não havia folhas grandes de papel quadriculado, mas havia "aqueles livrinhos de capa de oleado preto". Maria Lúcia colou umas folhas às outras, muito certas, fez com elas uma folha grande e criou pequenos desenhos. Nascia assim o código das cores. Começou a desenhar e a transportar para o papel o desenho do tapete, indo buscar aos outros lados as partes onde só havia buracos. A primeira etapa estava ganha, mas não gostou do que tinha feito. Já sabendo qual era o desenho original, "já o tinha entendido, mas não o tinha representado", comprou papel cavalinho e fez ela própria o quadriculado à escala que necessitava e repetiu o desenho. A paixão pela matemática insinuava-se, assim, na sua vida, por portas travessas, dando os seus frutos.

Passados oito dias e depois de muitas noites de trabalho, devolveu o tapete degradado ao Mosteiro de Lorvão e sentiu-se com coragem para mais uma exigência. Levar emprestado também, outro tapete persa, muito maior, que estava nas mesmas condições. "Encantaram-me os

tapetes", volta a repetir enlevada. Assim fez e procedeu de igual modo, com o segundo tapete. Depois...depois, guardou os desenhos e os sonhos numa pasta de cartão que escondeu no baú das roupas da casa, protegidas por alfazema e cânfora, e pelas suas mãos.

Sua prima Maria Lamas tinha promovido, no princípio de 1935, uma Exposição de Arraiolos, trabalho feito pelas presas da Cadeia das Mónicas, que dera muito brado, pois a directora da Revista *Modas e Bordados* tinha exigido a presença das presas, "sem escolta e sem farda", no salão do *Século*, no dia da inauguração, acontecimento que lhe impressionou a memória, como a toda a gente que soube do acontecimento.

O ponto, as lãs, as cores

Só quando se instalou, em Lisboa, porém, numa casa com um quarto independente e uma grande sala contígua, no pacato bairro de Campo de Ourique, já com os três filhos, estava-se em 1947, é que Maria Lúcia pensou que era altura de ir buscar os desenhos de Arraiolos dos tapetes "persas" de Lorvão, ao baú familiar. Na mesma sala instalara, também, a "redação" (ela e as colaborações que lhe chegavam pelo correio) da Revista *Os Nossos Filhos*, cujo primeiro número saiu, em Junho de 1942, iniciativa que tinha tido toda a "aprovação" de Maria Lamas: "Faz, faz que és capaz". A revista, mensal, tinha já uma vida de quase cinco anos,

Antes, porém, tinha de aprender... o fundamental, tinha de aprender a fazer o ponto de Arraiolos! Procurou uma senhora que tinha fama de fazer os mais bonitos tapetes de Arraiolos e que morava numa transversal da Rua do Alecrim e inscreveu-se para umas lições. Ali aprendeu o ponto. Faltavam-lhe as lãs. E as cores autênticas?

Leu livros sobre o assunto, visitou Museus e Palácios onde pediu autorização aos Directores para copiar desenhos de antigos tapetes. Informou-se sobre a lã e mandou vir, directamente da aldeia de S. Romão, da Serra da Estrela, lã de carneiro ainda virgem, não lavada. "Chegavam os sacos pelo Correio com as meadas de lã ainda com a gordura e aquele cheiro do bicho". A recuperação, tal como a entendia, tinha que ser fiel e fidedigna. "Havia pessoas que envelheciam as lãs de Arraiolos, enterrando-as, para se fazerem velhas, antes de as lavarem e usarem..."

Obtida a matéria prima que desejava, a recuperação não era só em relação ao desenho, não era apenas uma questão decorativa, mas também em relação a matérias e processos. Procurou um tintureiro que lhe fizesse exactamente as cores que tinha conseguido identificar, desmanchando pequenos entrançados de pontos que retirara dos sítios mais degradados. "As cores verdadeiras estavam escondidas, mas preservadas nesses boca-

dinhos. Eram umas pintinhas." Conseguiram recuperar os nove tons originais. "O tintureiro era um artista dentro da sua profissão. Nunca se enganou nos tons. Tenho pena de não me lembrar do nome do homem".

Havia, no mercado, lãs com o nome de Arraiolos, "mas na maioria dos casos eram imperfeitas imitações. A lã de Arraiolos é a lã nacional tinta de maneira especial com o auxílio não de anilinas, mas de flores e ervas, motivo porque as suas cores formam tons particulares e resistem à acção do tempo, das lavagens e ao sol". As tintas usadas eram tintas vegetais. Inesquecíveis os vermelhos "garance" ou os tons pastel obtidos através da fervura dos líquens das árvores.

Algumas cores mereceram-lhe rigorosas descrições, como castanho muito escuro, quase preto; castanho levemente avermelhado; amarelo forte, quase torrado; amarelo canário delicadíssimo; verde garrafa claro; azul médio muito límpido; azul clarinho como que acinzentado. Tal era a especificidade dos tons.

Todo o trabalho do bordado da lã foi concentrado na sala grande pegada às outras assoalhadas da casa da família e ao quarto onde funcionava a "Redacção" da Revista *Os Nossos Filhos*. Arranjou uns bancos baixos, e algumas raparigas a quem ensinou o ponto e cujo trabalho passou a orientar. O primeiro tapete que nasceu foi "o persa pequeno" da Igreja do Mosteiro de Lorvão. Depois, o "persa grande". Outros se seguiram, como resultado das tais visitas a Museus e Palácios.

O entusiasmo crescia ao mesmo tempo que o bordado a lã sobre o linho, ao mesmo tempo que os três filhos, todos rapazes. Havia também uma razão muito prática. "Tanto as lãs como as tintas tinham que ser encomendadas em grandes quantidades". O pai avançou com um empréstimo a fundo perdido.

Nasceu, pois, ali em Campo de Ourique, na Rua Infância 16, um atelier de restauro de Tapetes de Arraiolos especial, que não aceitava encomendas de fora, e que conhecia grande azáfama. Tapetes, filhos, casa, Revista, colaborações literárias e jornalísticas, o trabalho era intenso. Lado a lado, na mesma azáfama, com o mesmo afã, o trabalho criativo manual e o trabalho criativo intelectual, a criação da escrita, e dos filhos, numa convivência tão procurada e conseguida, por estas jornalistas de tradição iluminista e republicana. Tão intenso o trabalho, como o entusiasmo. "Cheguei a deitar-me às cinco da manhã e a levantar-me às sete, mas não foram todos os dias... não aguentaria". Durante seis anos não conheceu férias.

Os dois últimos tapetes, da série de oito que expôs, foram duas tentativas, bem sucedidas, de renovação. Pediu um "cartão" à pintora Maria Keil, que acedeu. "É o dos pássaros".

Finalmente, ao fim daqueles anos todos, de todos aqueles trabalhos e cadilhos, Maria Lúcia Namorado volta ao Mosteiro de Lorvão. Quem sabe se em sinal de reconhecimento e de gratidão? Ela própria transfere, então, desta vez, dos azulejos que havia "nuns nichos dos claustros abandonados", um novo desenho, inovando, ela própria, com a inspiração solidária do mesmo local, a decoração do ponto de Arraiolos. "Lembrei-me de fazer em Arraiolos o desenho dos azulejos", diz simplesmente. "Sim, eu queria recuperar, mas também achava que devia inovar com critério".

A partir daí, a realização da Exposição foi um conjunto de acções de amizade em cadeia. A galeria do Pórtico foi-lhe arranjada e cedida por um parente de uma grande amiga sua, a escritora de Literatura Infantil, Matilde Rosa Araújo; a montagem da mostra esteve a cargo do seu amigo Calvet Magalhães ("Está tão esquecido, é muito injusto, foi tão importante"). De 20 de Outubro a 3 de Novembro de 1956, a exposição esteve aberta ao público. A imprensa noticiou o acontecimento. As vendas foram um sucesso.

Maria Lúcia Namorado não saía da sala, atendendo visitantes e compradores, dando explicações, contando mil vezes a história da sua única exposição de Arraiolos, uma exposição histórica. Rememorava trabalhos, sonhos, dias passados, e certamente o tal encantamento que lhe tinham provocado os velhos tapetes, apesar de deteriorados, no chão da Igreja de Lorvão. Mas a história não acaba aqui.

Entretanto, a Revista *Os Nossos Filhos* acabou, "por razões económicas" e Maria Lúcia precisava de trabalhar para pagar as dívidas. "A dos tapetes foi-me perdoada". Entrou, então, para a Fundação Sain, dedicando-se a outro tipo de recuperação, a recuperação de cegos, vindo a ser subdirectora do Centro de Reabilitação de Cegos Recentes, em Portugal. Participa na experiência pioneira, em Portugal, de reabilitação de cegos, que não o eram de nascença. Ao todo, esteve ligada à Fundação durante 16 anos e meio. Era outro o trabalho de recuperação, mas era um trabalho de recuperação. A fotografia de Helen Keller, quando da sua presença, em Lisboa, está num lugar de honra na parede da sua sala de estar. "Vestia um vestido azul, tão lindo como a cor dos seus olhos". Teve ocasião de escrever sobre Helen Keller e também teve a alegria de fazer a conferência de inauguração do Jardim-Escola João de Deus, na sua terra natal, Torres Novas. Parece ter havido uma afinidade insuspeitada entre o desejo juvenil de aprender matemática, a vontade adolescente de recuperação dos tapetes de Arraiolos, a decisão de se dedicar à educação das crianças, através da Revista, e a prática profissional, mais tarde, na reabilitação para a vida de cegos que não eram de nascença. Nas três activida-

des, aparentemente dispersas, há uma mesma vontade de restituição de nobreza e de dignidade de existência, uma grande fé nessa possibilidade... e a convocação das mesmas capacidades e qualidades humanas reveladoras da sua personalidade.

Mas, a "coisa mas bonita que fiz na minha vida", mais bonita do que a exposição de Arraiolos, mais bonita do que a Revista *Os Nossos Filhos*, foi uma exposição de "crianças de escola e de crianças que já trabalhavam", intitulada "Lisboa vista pelas nossas crianças". A história dessa exposição, há um catálogo (que me ofereceu) que reproduz o desenho infantil de um lugre, um daqueles grandes navios bacalhoeiros que atravavam no Tejo, e há um pequeno apontamento cinematográfico, feito no Palácio Foz, fica para outra vez, com muita pena de ambas, e enorme curiosidade minha.

Hoje, na sua casa, ao Bairro dos Actores, sempre preocupada com a preservação das pessoas e das coisas, "quando mudei de casa tive que alugar um quarto só para pôr livros e documentação relacionada com a Revista", com 87 anos de idade e uns olhos que pouco vêem, Maria Lúcia possui uma memória surpreendente, que domina com grande exigência de rigor. Um rigor que aplica a tudo, mesmo a uma simples palavra e que justifica com simplicidade. "Gosto de me cingir à verdade". Fala lentamente com grande exactidão e com modos de antiquíssima delicadeza.

Três tapetes não foram vendidos, não estavam à venda, na Exposição do Pórtico e são esses os únicos fotografados, agora, pela primeira vez, a cores. Estão nas paredes de sua casa, não estão no chão. Serão para os seus três filhos, todos rapazes.

Abril 1997